

**Os “Territórios da Espera” numa Europa em mudança: leitura cronotópica do livro *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso**

**The “Waiting Territories” in a changing Europe: chronotopic reading of the book *O Retorno* [*The Return*], by Dulce Maria Cardoso**

Fátima Velez de Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** O conceito de “territórios da espera” permite compreender como os projetos migratórios podem ter momentos de desaceleração. “Esperar” para chegar ao destino gera processos de desterritorialização e reterritorialização. A Geografia Literária contribui para a compreensão de fenômenos migratórios, como as migrações de retorno, que ocorreram no processo de descolonização africana. A leitura geográfica do livro *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso, possibilita responder à questão-chave: como a migração forçada de portugueses, residentes nas colônias, foi condicionada pelos “territórios de espera”? Utilizando a metodologia de análise de conteúdo, será discutida a realidade ficcionada pela autora, que vivenciou esse processo na sua adolescência, desde a fuga (desterritorialização) até a chegada a Portugal, onde foi necessário esperar e reconfigurar o espaço temporário de vida (reterritorialização). Esta reflexão pode ser útil para compreender a dinâmica das migrações contemporâneas numa Europa em transformação, com uma matriz migratória cada vez mais diversa e intercultural.

**Palavras-chave:** Territórios da Espera; Geografia Literária; Migrações; Retorno; Reterritorialização.

**Abstract:** The concept of “waiting territories” help to understand how migratory projects can have moments of deceleration. “Waiting” to arrive at destination, implies processes of deterritorialization and reterritorialization. Literary Geography contribute to understand migratory phenomena, such as return migrations, which occurred in the process of African decolonization. The geographic reading of the book *O Retorno* [*The Return*], by Dulce Maria Cardoso, make possible to answer the key-question: how forced displacement of Portuguese people, living in colonies, was conditioned by “waiting territories”? Using the methodology of content analysis, it will be discussed the reality fictionalized by the author, who experienced this process in her adolescence, from the escape (deterritorialization) to the arrival in Portugal, where it was needed to wait and reconfigure the temporary living space (reterritorialization). This reflection can be useful to understand the dynamics of contemporary migrations in a changing Europe, with an increasingly diverse and intercultural migratory matrix.

**Keywords:** Waiting Territories; Literary Geography; Migrations; Return; Reterritorialization.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia (com Especialização em Ensino), Mestre em Estudos sobre a Europa. Doutora em Geografia e Pós-Doutorada em Literatura. Trabalha como Professora Auxiliar no Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coordenadora do Mestrado em Ensino da Geografia.  
Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 29, jan-jun, p. 43-56, 2026 - 1ª edição

## 1 Introdução

Os movimentos migratórios fazem parte da história da humanidade, como um processo que ultrapassa tempo(s) e espaço(s). Isto significa que o debate que hoje vem sendo agudizado na Europa, sobre o incremento da imigração e a alteração da matriz identitária, corresponde à própria história das migrações. Dito de outra forma: quer o continente europeu, quer outras regiões do mundo, têm na sua cronotopia uma forte componente multicultural, derivada de sistemas migratórios relativamente consolidados, de entradas e de saídas de capital humano, numa lógica multiescalar. Autores como Ribeiro (2002), Papademetriou (2008), Bartram, Poros e Monforte (2014), Fukuyama (2018), Hass, Castle e Miller (2020) convergem nestas ideias, reforçando a convicção de que a identidade europeia está alicerçada numa matriz de diversidade cultural evidente, que mais não é do que o resultado da complexidade histórico-geográfica das migrações visíveis no(s) território(s). A toda esta dinâmica não foi alheio Portugal que, no período pré e pós integração europeia, viveu vários momentos migratórios de grande relevo para a constituição do que é hoje a sociedade portuguesa, que tanto viu emigrar população jovem ativa, como assistiu à entrada de imigrantes, em várias fases da época contemporânea (Barreto, 2020).

A análise de tempos e espaços específicos na história das migrações europeias permite-nos individualizar momentos específicos, que revelam grande interesse de estudo sob vários pontos de vista, nomeadamente para ajudar no debate contemporâneo, no que diz respeito à forma limitada como muitas vezes está a ser abordada a presença do “Outro” no espaço público, remetendo a discussão para um passado recente, que remete o interlocutor na direção da origem da sua identidade, enquanto cidadão de um país que vive e viveu movimentos migratórios também na história contemporânea. Crê-se que estudos desta natureza possam contribuir para se repensar o “eu” e o “tu” baseado na ideia de “inside” e “outside” de Fukuyama (2018, p. 25), em que o primeiro se advoga de valores morais superiorizados face ao segundo, e por isso mais perto do correto e da verdade, gerando uma ideia de níveis diferenciados de cidadania.

Nesse sentido, irá ser analisada a obra *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso<sup>2</sup>, a qual retrata o percurso de Rui, um jovem adolescente que vive o processo de descolonização de forma intensa e marcante. A autora conta como o protagonista participou na ponte aérea entre Angola e Lisboa, desde os momentos finais na casa da família em Angola, passando pelas

---

<sup>2</sup> Será analisada a oitava edição, reimpressa em 2020. A primeira edição data de 2011.

imagens caóticas do aeroporto, até chegar a Portugal e ser realojado num hotel do Estoril. Fazem parte da narrativa a mãe e a irmã mais velha, que o acompanham na viagem, assim como o pai, que é preso ainda no local de origem e só, posteriormente, se virá reunir com a família já “na sua terra”, como ele próprio refere. É uma narrativa clara e lúcida, a três tempos, que parece derivar de remanescências da própria autora, numa espécie de biografia projetada neste rapaz, que observa, de forma perspicaz, uma cronotopia ainda bem viva na memória coletiva portuguesa – a do retorno e a dos retornados (Quinteiro e Elicher, 2021; Vieira, 2024).

Tendo em conta as ideias já discutidas, este trabalho tem dois objetivos. O primeiro é analisar o processo migratório inerente ao narrador da história, desde a saída de Angola (desterritorialização) até à chegada ao “território da espera” na metrópole portuguesa (reterritorialização); o segundo é discutir como decorreu a permanência nos vários territórios da espera, numa lógica de confinamento geográfico, e do que isso implicou em termos de relações interpessoais entre o(s) “eu(s)” e o(s) “tu(s)”, os “insiders” e “outsiders”.

Em termos metodológicos foi usada a análise de conteúdo, por se revelar muito adequada a este tipo de investigação, tendo como referência epistemológica as “geografias literárias”, as quais se baseiam numa lógica analítica de textos. Esta corrente geográfica defende que o estudo das representações espaciais na literatura (ficção e não-ficção) nos pode fornecer elementos de grande interesse para a compreensão de fenómenos marcados por tempos e espaços específicos (Brosseau and Cambron, 2003; Alexander, 2015; Hones, 2022). Referi-se à ideia-chave de Brosseau (2016, p. 3), o qual menciona que “[...] between the scientific representation of the world and the social one, influenced by stereotypes, literature is a third path towards an understanding the world”.

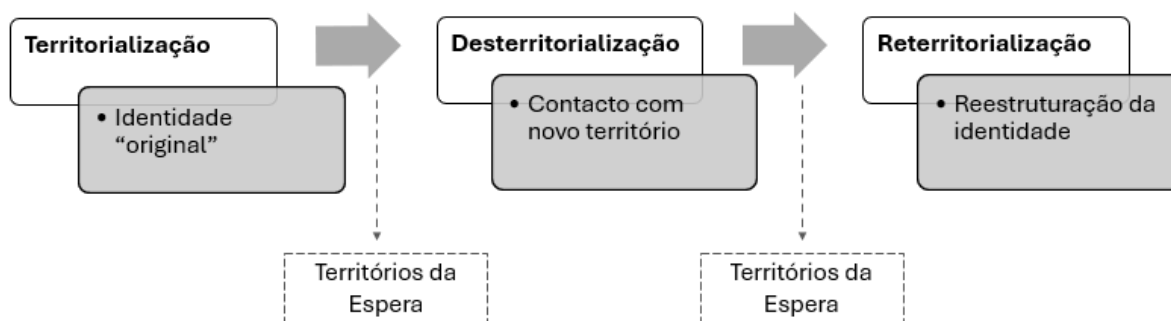
Por isso, a convicção é a de que esta obra pode ajudar a compreender a dinâmica dos movimentos migratórios contemporâneos numa Europa em mudança, com uma matriz migratória cada vez mais diversa, refletida na dimensão intercultural. E se tal contribuir para esclarecer análises parciais e limitadas no que se refere à ideia de uma identidade europeia/nacional cristalizada e única, este estudo também terá atingido o objetivo estrutural comum de que a Academia não se pode afastar, isto é, o de que as Humanidades não são uma (in)utilidade no campo científico, muito pelo contrário: sem o conhecimento profundo de uma História e uma Geografia do “eu” e do “tu”, viveremos apenas nas sombras da caverna.

## **2 Os “territórios da espera” e a relação com os processos de “desterritorialização” e “reterritorialização”**

*O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso, constitui-se como uma obra de referência para o estudo do processo migratório associado à descolonização, concretamente no que se refere ao movimento de população “retornada” de Angola para Portugal, no pós-revolução de 1974. A riqueza e a complexidade do texto permitem leituras interdisciplinares de grande interesse, numa lógica que Pombo (2021, p. 85) designa por “práticas de cruzamento”, isto é, uma abertura intrínseca a várias áreas do saber, em que cada uma se deixa cruzar e contaminar por todas as outras. Está-se, portanto, perante uma lógica de diálogo, onde a palavra (literatura), o tempo (história) e o espaço (geografia) são interligados por conceitos que, não sendo comuns, passam a ser entendidos numa lógica de abordagem entrecruzada.

O estudo baseia-se nos pressupostos definidos por Rogério Haesbaert (2004; 2014), sobre os conceitos de “desterritorialização” e “reterritorialização”, pelo significado intrínseco às migrações, no que concerne à relação entre o tempo, o espaço e a identidade do indivíduo que empreende a deslocação. Significa que a saída do local de origem e a chegada ao local de destino fazem com que os indivíduos sejam privados das referências territoriais, das estruturas fixas e normativas que, até ao momento, tinham sido estruturantes da sua matriz identitária. Esta perda reflete-se na perda de relações de poder e de afinidade com o novo território, o que pode gerar efeitos negativos mais ou menos circunstanciais, como o sentimento de perda ou o receio do desconhecido. Todavia, com a vivência quotidiana do novo território, haverá lugar à criação de novos vínculos, assim como um domínio do território, que se passa a conhecer e a integrar a identidade individual: está-se perante o processo de reterritorialização (Figura 1).

**Figura 1:** Sequência do processo de des/reterritorialização



Fonte: Elaboração Própria (2026).

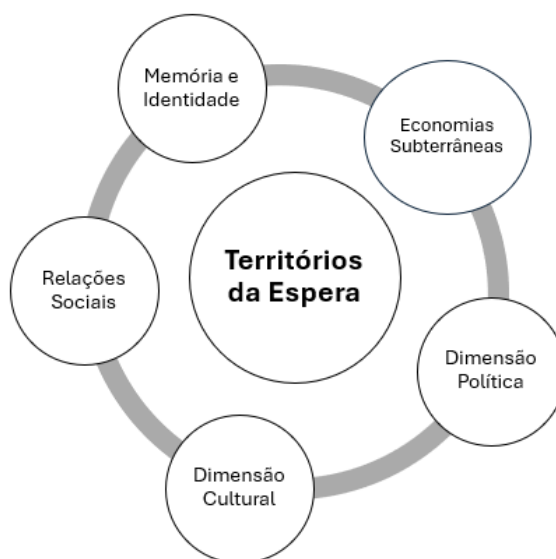
Todavia, a consideração desta sequência é apenas um ponto de partida, uma vez que a complexidade dos projetos migratórios implica a existência de processos que vêm alterar este processo. Na prática, significa que o(s) tempo(s) de transição entre a fase da desterritorialização e a fase da reterritorialização são substancialmente diferenciado, de indivíduo para indivíduo, além de não ser contínuo. No caso da obra *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso, destaca-se a existência explícita do conceito de “territórios da espera”, ao longo do movimento migratório, o que atribui uma óbvia descontinuidade entre a saída do local de origem e a chegada ao destino final, com vários momentos de paragem.

Por isso, o conceito de “território da espera” torna-se central neste estudo, pelo que foi tomada em conta a visão de Musset e Vidal (2011; 2016), Musset (2015), assim como de João Luis Fernandes (2019). Para estes autores, a espera faz parte do movimento, isto é, os momentos de paragem, de desaceleração, de interrupção da deslocação. Todavia, “parar” não representa um imobilismo estático, mas antes a constituição de um espaço que se torna território, por aí se desenvolverem relações de poder, pressões, conflitos.

Em termos materiais, identifica-se como território da espera um aeroporto, onde aguardamos uma ligação aérea; uma paragem de autocarro ou uma estação de comboios, onde esperamos pelo transporte; um banco no corredor de uma Faculdade, onde aguardamos o início de uma aula, etc. No campo migratório, o exemplo mais paradigmático é o do campo de refugiados, em que se aguarda a continuação da viagem, em direção ao local de destino migratório, aparentemente seguro e estável.

Do ponto de vista dos sujeitos que migram, os territórios da espera constituem-se num duplo sentido. Por um lado, são espaços de imobilidade, caracterizados pela tirania da espacialidade que implica fechamento ao exterior, confinamento, saturação e, muitas vezes, concentração de pessoas na mesma situação. Mas, por outro lado, também representam a esperança no futuro, o desejo de continuar a viagem, a expectativa de se atingir um lugar melhor. Em termos cronotópicos, é nos territórios da espera que se reduz o espaço e se estende o tempo, significando que a permanência prolongada num espaço confinado leva a que se desenvolva uma dinâmica própria destes lugares (Figura 2).

**Figura 2:** Dimensões associadas aos territórios da espera



Fonte: Elaboração Própria (2026).

A permanência prolongada dos indivíduos “entre-espacos” não é vazia (André, 2024). Nela se inscrevem as margens, neste caso a de partida, onde se reflete a dimensão cultural que medeia a identidade individual, a memória coletiva, que constitui uma determinada territorialidade. Esta dinâmica vai sendo paulatinamente transformada numa “micro-desterritorialização”, pela perda de contacto com os lugares de origem. Isto ocorre, sobretudo, quando o período de permanência nos territórios da espera se prolonga, havendo necessidade de sobreviver à pobreza, pelo que muitas vezes se desenvolvem economias subterrâneas ligadas a atividades ilícitas (desde a venda ambulante até à prostituição), com o objetivo de sobrevivência. Além disso, pela convivência mais ou menos tensa, desenvolvem-se relações sociais mediadas pela dimensão política de poder, onde pessoas e grupos desenvolvem códigos de conduta próprios, assim como relações hierárquicas informais, que levam ao domínio dos (ainda) mais vulneráveis.

Badie (1997) refere que os fluxos migratórios não são apenas modos de passagem entre territórios, mas antes experiências de perda de referências territoriais, que ultrapassam lógicas legislativas de fronteira(s), onde os indivíduos se dissolvem e se voltam a reintegrar. Por isso, os territórios da espera podem representar os já referidos “entre-espacos”, onde ocorrem processos de “micro-desterritorialização” e “micro-reterritorialização”, dependendo do tempo e do espaço de confinamento. No que concerne às migrações, podemos encontrar uma grande variedade de situações, que vão desde a espera de poucas horas na travessia de fronteiras, até

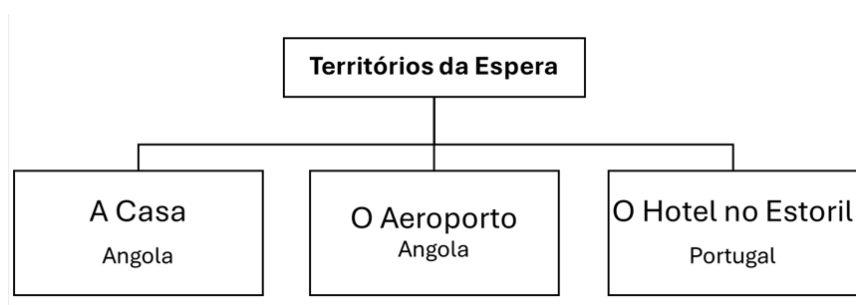
esperas prolongadas em campos de refugiados (veja-se o caso dos Rohingya, há várias décadas a viver nesta situação entre o Bangladesh e Myanmar).

No caso abordado neste trabalho – o retorno da antiga colónia africana - estamos perante uma espera limitada no tempo e no espaço, mas que se reveste de uma grande importância para se compreender os mecanismos de permanência em espaços confinados, e de como isso veio afetar as relações interpessoais entre o(s) “eu(s)” e o(s) “tu(s)”, os “insiders” e “outsiders”. A partir do relato de Rui, o jovem protagonista da história, quem lê tem acesso a descrições cénicas e psicológicas, que se interconectam com as dimensões associadas aos territórios da espera (Figura 2), em especial no que concerne às relações sociais, à memória e identidade e à dimensão cultural. O relato é tecido em torno da mãe, da irmã e do pai ausente, em estreita relação com outras pessoas retornadas, que viram a vida suspensa por um processo de descolonização violento, marcado por uma guerra de 13 anos, que terminou com uma deslocação forçada de população autóctone.

### 3 Os “territórios da espera” em *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso

Esta deslocação, materializada em fluxo migratório, não é um ato contínuo, mas sim uma viagem com vários momentos de interrupção. No caso da obra em análise, foram identificados tempos de espera definidos por espacialidades específicas, marcadas por relações de tensão e de poder, que transformam os espaços em territórios (Figura 3).

**Figura 3:** Territórios da Espera na obra *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso



Fonte: Elaboração Própria (2025).

Os dois primeiros são em Angola. A narrativa inicia-se em Casa, num contexto de espera pela saída para o aeroporto. As personagens manifestam sentimentos de confusão, de desespero, o que é visível quando a progenitora tenta fazer a mala, sabendo que terá de deixar tudo para

trás: “[...] mas a mãe regressou com a toalha das dalias e começou a chorar outra vez, nunca mais verei o meu enxoval, nunca mais verei esta toalha [...]” (Cardoso, 2020, p. 14). Segue-se o Aeroporto, num relato relativamente breve, mas intenso, em que o agregado familiar, sem o pai, que ficou detido, aguarda por um voo na ponte aérea entre Angola e Portugal.

O terceiro – hotel no Estoril –, já em Portugal, é aquele em que Dulce Maria Cardoso se detém por mais tempo, isto é, é o território da espera mais explorado, em que é possível aprofundar a dinâmica da compressão do espaço e do prolongamento do tempo. Esta parte inicia-se com o espantamento de Rui sobre o país a que chega, e onde nasceram os seus pais: “[...] então a metrópole afinal é isto” (Cardoso, 2020, p. 65). A afirmação parece referir-se ao confronto entre a imagem territorial formada acerca de um lugar, do qual só conhece pela descrição e impressões realizadas pelos pais e por outras pessoas que aí nasceram e viveram; e a realidade experienciada pelo próprio, quando sai do avião e se começa a movimentar, a observar, isto é, a usar todos os sentidos para apreender a espacialidade envolvente. Uma análise individualizada permite explorar um pouco mais as dinâmicas próprias da (des/re)territorialização, assim como da própria espera.

### 3.1 *Casa em Angola*

A autora explora o processo de desterritorialização, iniciado na residência da família, por um lado, através do sentimento de pertença, marcado por um território que já se conhece e se domina, pelo espaço vivido da quotidianidade; por outro, pela angústia da mudança, que significa o acesso a um território que ainda não se conhece, e que, por isso, gera sentimentos de insegurança.

Predomina uma visão duplicada de um país que está prestes a ser local de destino migratório. Rui refere que “[...] sempre houve duas terras para a mãe, esta que a adoeceu e a metrópole, onde tudo é diferente e onde a mãe era também diferente. O pai nunca fala da metrópole, a mãe tem duas terras, mas o pai não. Um homem pertence ao sítio que lhe dá de comer” (Cardoso, 2020, p. 11). Este excerto faz o leitor refletir sobre a questão da pertença territorial que, neste caso, oscila entre o lugar onde se nasce e o lugar onde se vive. Pode-se considerar que ambas as visões estão marcadas pelo que Yi Fu-Tuan designa por “Topofilia” (Tuan, 2015), isto é, a relação afetiva que os indivíduos estabelecem com os territórios. Pode-se perceber que há uma dicotomia materializada pela mãe, que “adoeceu” no local de chegada, o que revela uma reterritorialização marcada pelo carácter negativo impresso pela doença; e

uma reterritorialização positiva, assumida pelo pai, fruto de relações de trabalho frutíferas. Nestes casos, assume-se a importância da memória na estruturação da identidade territorial, na forma como ambos os indivíduos reagem ao curso da vida. Significa que, em termos práticos, as memórias podem ser invocadas para justificar a ligação intensa aos territórios do passado ou, noutra perspetiva, podem ser sublimadas, gerando uma atitude de continuidade do curso da vida e de construção de novas vivências nos territórios do presente.

No que diz respeito à dimensão da angústia, este sentimento ocorre porque os personagens revelam uma marcada consciência da finitude de um ciclo através da (i)materialidade, que ocorre desde a referência aos objetos quotidianos até à própria temporalidade: “nunca mais vamos dormir a sesta nas espreguiçadeiras, o pai nunca mais se vai sentar no banco de madeira para que o barbeiro lhe apare o cabelo e lhe faça a barba” (Cardoso, 2020, p. 17-18). Esta convicção é reforçada pela perda das relações sociais, em que os próprios protagonistas também estão a ir embora.

Em termos operacionais, a espera em Casa também é determinada pela dimensão política que ocorre na mudança de poder, a qual vai limitar a mobilidade da população que pretende sair para Portugal, em que “[...] nem os tiros conseguem desfazer o silêncio da nossa partida, amanhã já não estamos aqui. Ainda que gostemos de nos enganar dizendo que voltamos em breve, sabemos que nunca mais estaremos aqui. Angola acabou. A nossa Angola acabou” (Cardoso, 2020, p. 14). A angústia, desenvolvida no tempo e no espaço da espera, é alimentada pela ideia de que as novas relações de poder irão impedir o regresso desta população em fuga, até porque o contexto político fará mudar Angola do ponto de vista social, económico e cultural.

Em suma, na espacialidade da *Casa*, o território da espera caracteriza-se por integrar o início do processo de desterritorialização, visível no sentimento de perda das infraestruturas, dos objetos e das relações sociais. Também inclui sensações de angústia e de questionamento sobre o(s) lugar(es) de pertença dos progenitores, que viveram a experiência diferenciadora de terem nascido em Portugal, mas da vida adulta, isto é, da autonomia, ter sido desenvolvida em Angola, onde formaram a sua própria célula familiar.

### 3.2 *Aeroporto em Angola*

É abordado apenas em um capítulo do livro, mas revela-se de grande importância, não só para se compreender o encadeamento da história, mas por se constituir como o paradigma clássico exemplificativo do que se entende por território da espera.

Os breves momentos passados neste espaço são relatados, em paralelo, com os momentos finais da permanência em casa: os militares levam o pai com violência, o que se pressupõe por alguns elementos da descrição (vasos caídos na escada de Casa, o uso da arma pessoal, o arranque do jipe a fazer poeira); a mãe e os filhos são acompanhados por um familiar (o Tio Zé), que os incita a entrar no avião, embora haja reticências em se deixar o progenitor em Angola, presumidamente detido e sem indicação do paradeiro.

Em cenas que revelam um contexto confuso de imobilidade, de tirania espacial, mãe e filhos confinam-se a um espaço fechado, de onde não podem sair, saturado com tantas pessoas – brancas e negras – que procuram fugir ao conflito. Rui revela: “[...] o aeroporto tão diferente do aeroporto das tardes de domingo em que o pai nos trazia para vermos aviões, há centenas de pessoas à nossa volta [...] uma confusão tão grande, tantas malas e tantos caixotes, tanto lixo, lixo, lixo [...]” (Cardoso, 2020, p. 59). Neste caso, o Aeroporto, enquanto território da espera, representa um período temporal muito limitado (horas), mas que é o ponto de transição entre a vida que conheceram até aí e o desconhecido, de passagem “entre-mundos” (André, 2024, p. 179). Essa mudança opera-se numa cronotopia muito rápida, termina de forma crua, para se entrar na segunda parte do livro – a chegada a Portugal e a instalação no Hotel do Estoril.

### 3.3 *Hotel no Estoril, Portugal*

O hotel representa uma cronotopia mais densa e peculiar pois, se por um lado, mãe e filhos já estão em Portugal, por outro ainda estão retidos neste território da espera, de onde não podem sair. Esta incapacidade foi imposta pela urgência de uma fuga que não permitiu a preparação da viagem e, conseqüentemente, a estruturação de um projeto migratório ponderado: “Três malas e 20 contos é tudo o que temos até resolvermos a vida” (Cardoso, 2020, p. 78). Rui dá conta do estranhamento da chegada a um lugar do qual apenas têm uma imagem territorial que lhes foi construída, pelo que diz “[...] então a metrópole afinal é isto” (Cardoso, 2020, p. 65).

Então, pela necessidade de permanência no hotel, até o regresso do pai e a estabilização da vida (local para morar, ingresso no mercado de trabalho), os três têm de viver uma sobreposição espacial de duas realidades distintas e paralelas: a dos hóspedes e a dos retornados. Em termos práticos, significa que os primeiros estão numa lógica “entre-tempos”, isto é, o período de trabalho e o período de lazer, numa pausa de férias com início e fim bem definido. Já os segundos vivem a incerteza de uma cronotopia esbatida, que se pode estender no tempo

(até quando?) e no espaço (para onde?). A segregação é algo presente no uso do espaço, tanto no restaurante, de uso comum, como nos próprios quartos, que se tornam “micro-territórios da espera”, onde a vida continua, ainda ligada a hábitos do local de origem, em quotidianos nucleares onde se procura recuperar uma certa normalidade do quotidiano, por exemplo, através da realização de algumas receitas culinárias (ex: chamuças), que embora perturbassem todos os hóspedes com o cheiro intenso a fritos, revelava uma estratégia de manter a normalidade possível e o que restava dos laços ao local de origem em África.

A dinâmica do confinamento e a incerteza face ao futuro são marcadas por relações sociais de tensão, de poder entre fricção social entre hóspede/empregado-retornado, como é assumido nestes excertos: “os empregados não nos querem cá e não nos gostam de servir” (Cardoso, 2020, p. 91); “[...] hóspedes que não se misturam connosco, hóspedes sentados nas mesas que lhes estão reservadas [...] ao pé da janela [...]” (Cardoso, 2020, p. 92). Trata-se do confronto entre o “eu-autóctone” e o “eu-alóctone” que, embora pertençam à mesma nação, comungam de iniquidades sociais e culturais visíveis, na forma de estar e de ser. Esta forma de imobilidade é marcada pela tirania espacial e pela demarcação dos lugares de cada grupo, numa lógica de hierarquização.

Todavia, a tensão também é visível entre “retornado-retornado”, o que demonstra a heterogeneidade social no cerne do próprio grupo de deslocados, como está patente quando Rui observa que “há muita gente de Moçambique aqui no hotel, mas os de Angola quase não se dão com os de Moçambique” (Cardoso, 2020, p. 88). É interessante perceber como os territórios da espera se constituem como lugares de conflito, onde há um ténue equilíbrio entre modos de o habitar. Também estão patentes relações de poder mais ou menos (in)formais que o transformam numa lógica de “microestatalidade”, facto esse visível no discurso do gestor do hotel quando, à chegada, os recebe da seguinte forma: “sei que não serve de conforto, mas há muitas famílias separadas como a vossa, infelizmente não são os únicos [...]. Aqui no hotel há regras que têm de ser cumpridas [...] seja num hotel, seja num país [...]” (Cardoso, 2020, p. 68-69).

Mas na complexa dinâmica do hotel como território da espera, Rui descobre um lugar de fuga que, embora na continuação da tirania do imobilismo, lhe dá a sensação de fuga ao confinamento e lhe permite momentos de liberdade: trata-se de um terraço com vista para o mar, a que só ele acede. É esta imagem de independência que vai aparecendo na sua estadia no Estoril, e com a qual a história se encerra, perante um dia de sol morno e soalheiro de outono. O ciclo de transição está prestes a mudar e o território da espera a ser um espaço do passado, cujo presente se reveste de esperança e de oportunidades, em que se inicia o processo de

reterritorialização, pois “[...] um quarto pode ser uma casa e este quarto e esta varanda de onde se vê o mar é a nossa casa [...]” (Cardoso, 2020, p. 164).

#### 4 Conclusão

Entretanto, o pai chega a Portugal e junta-se à família no Hotel do Estoril. *O Retorno* termina assim com uma nota de esperança, pela reunificação familiar e pela dissolução do território da espera, que ocorre através da saída do hotel e da ida para a nova casa (reterritorialização). No início da história, Rui afirma que “[...] gostava de ir para o Brasil ou para a África do Sul. Então se fossemos viver para a América como o Sr. Luis é que era uma maravilha. Deve ser bom viver na América [...]” (Cardoso, 2020, p. 17). Todavia, após a experiência vivida, termina dizendo que “[...] de cada vez que lhe falava do Brasil o pai respondia, nunca mais ninguém me tira da minha terra [...]” (Cardoso, 2020, p. 243).

Tendo em conta os objetivos definidos para este trabalho, conclui-se que o processo migratório inerente ao narrador da história, desde a saída de Angola (desterritorialização) até à chegada ao “território da espera” na metrópole portuguesa e posterior reterritorialização, foi complexo e revelou a dimensão particular vivida por muitos dos retornados que chegaram a Portugal no pós-25 de abril de 1974. A permanência nos vários territórios da espera, numa lógica de confinamento geográfico, e do que isso implicou em termos de relações interpessoais entre o(s) “eu(s)” e o(s) “tu(s)”, os “insiders” e “outsiders”.

A obra analisada constitui-se como um retrato artístico e literário sobre fluxos migratórios, que se reveste de uma grande importância para várias áreas do conhecimento, não só pela beleza da escrita, como pela riqueza narrativa, que permite abordagens diversificadas e interdisciplinares, sobre um período importante da história portuguesa, angolana e africana, que ainda está bem presente na memória coletiva destes países.

#### Referências

ALEXANDER, N. On literary geography. *Literary Geographies*, 1, p. 3-6, 2015.

ANDRÉ, J. M. *Pelos caminhos de Hermes: culturas, educação, hospitalidade e mediação*. Coimbra: Grácio Editor, 2024.

BADIE, B. *O fim dos territórios*. Ensaio sobre a desordem internacional e sobre a utilidade social do respeito. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BARRETO, A. Democratização e mudança social (1960-2000). In: PINTO, A.C.; MONTEIRO, N.G. (org.). *História social contemporânea. Portugal 1808-2000*. Lisboa: Objectiva-Penguin Random House, 2020, p. 217-257.

BARTRAM, D.; POROS, M. V.; MONFORTE, P. *Key concepts in migrations*. Londres: Sage, 2014.

BROSSEAU, M.; CAMBRON, M. Entre géographie et littérature: frontières et perspectives dialogiques. *Recherches Sociographiques*, 3-44, p. 525-547, 2003.

CARDOSO, D. M. *O retorno*. 8.ed. Lisboa: Tinta da China, 2020.

FERNANDES, J. L. Os territórios de espera e o fluxo recente de migrantes clandestinos na Europa. O caso particular do campo Jungle, em Calais (França). In: PINA, H.; MARTINS, F. (ed.). *Grandes problemáticas do espaço europeu. Um (re)posicionamento estratégico das questões ambientais e socioculturais?* Porto: Universidade do Porto-Faculdade de Letras, 2019, p. 155-169.

FUKUYAMA, F. Identity. *Contemporary identity politics and the struggle for recognition*. Londres: Profile Books, 2018.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. *Viver no limite*. Território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2014.

HASS, H.; CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The age of migration*. International population movements in the modern world. 6.ed. Nova Iorque: The Guilford Press, 2020.

HONES, S. *Literary geography*. Oxon: Routledge, 2022.

MUSSET, A. De los lugares de espera a los territorios de la espera. ¿Una nueva dimensión de la geografía social? *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, 61-2, p.305-324, 2015.

PAPADEMETRIOU, D.G. *A Europa e os seus imigrantes no séc. XXI*. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 2008.

POMBO, O. *Interdisciplinarietà*. Ambições e limites. Óbidos: Alêtheia Editores, 2021.

QUINTEIRO, S.; ELICHER, M.J. “O Cortiço” de Aluísio Azevedo e “O Retorno” de Dulce Maria Cardoso: os espaços dos migrantes. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 43, p.1-11, 2021.

RIBEIRO, M. M.T. *Identidade europeia e multiculturalismo*. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.

ROSEMBERG, M. Literary spatiality as seen through the prism of geography. *L'Espace Géographique*, 4-45, p. 289-294, 2016.

TUAN, Y.F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, tradução de Livia de Oliveira, 2015.

VIDAL, L.; MUSSET, A.; VIDAL, D. Sociedades, mobilidades e deslocamentos: os territórios da espera. O caso dos mundos americanos (de ontem a hoje). *Revista Franco-Brasileira de Geografia*, 13, p.1-24, 2011.

VIDAL, L.; MUSSET, A. (ed.) *Waiting Territories in the Americas: Life in the Intervals of Migration and Urban Transit*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2016.

VIEIRA, J. (2024). Só chegamos aonde não somos esperados. Uma leitura de “O Retorno”, de Dulce Maria Cardoso. *Abriu*, 13, p.123-140, 2024.

**Recebido:** 24/03/2026

**Aprovado:** 19/07/2026

**Publicado:** 29/07/2026